

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANTOS, João Francisco dos . João Francisco dos Santos (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**João Francisco dos Santos  
(depoimento, 2004)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

**Técnico de gravação:** Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

**Local:** São Luís - MA - Brasil;

**Data:** 07/09/2004

**Duração:** 1h 30min

Arquivo digital - vídeo: 2; Fita cassete: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado justificou-se por sua participação na fundação do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN) e por ter fundado a Associação Cultural Akomabu.

**Temas:** Ação Católica Brasileira; Atividade profissional; Clandestinidadade; Classe trabalhadora; Esquerda; Exército; Exílio; Família; Filosofia; Formação escolar; Golpe de 1964; Governos militares (1964-1985); Igreja Católica; Infância; Leonel Brizola; Maranhão; Militância política; Movimento negro; Partido Democrático Trabalhista - PDT; Partido dos Trabalhadores - PT; Questão agrária; União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); União Nacional dos Estudantes;

## *Sumário*

Entrevista: 07.09.2004

Fita 1-A: Origens familiares no Maranhão; as atividades profissionais de seus pais; a mudança de sua mãe para São Luís e o trabalho como empregada doméstica; a infância do entrevistado; a formação escolar; a participação na Ação Católica; as relações com a Igreja Católica e a entrada na Juventude Operária Católica (JOC); as primeiras atividades profissionais exercidas; a criação da Faculdade de Medicina pela Igreja Católica em São Luís; a experiência profissional no Departamento de Histologia; o serviço no Exército; a visão crítica a partir da JOC; a consciência racial da JOC; as relações conflituosas entre operários e patrões; reflexões sobre o Maranhão e o jogo político; o mau funcionamento das leis trabalhistas no Maranhão da década de 1950; a escrita do jornal Akomabu; o programa Nossa gente na rádio; as idas para o Rio de Janeiro; o contato com o estivador Raimundo Francisco Pinheiro; o golpe de 1964 e seu exílio; a bolsa internacional a partir dos contatos com a União Nacional dos Estudantes (UNE); o retorno ao Brasil como clandestino; a resistência contra a ditadura militar; o curso de Filosofia durante o exílio em Moscou; a posição de Moscou como o centro do movimento internacional socialista; a questão racial em Moscou; a presença de africanos militantes anticoloniais na escola de Filosofia; a recepção da mãe durante a clandestinidade do entrevistado; o engajamento político e o contato com figuras proeminentes.

Fita 1-B: A questão racial e os movimentos de esquerda na década de 1950 e 1960; a contribuição no apoio estratégico dos movimentos de resistência à ditadura; as mudanças de itinerários durante o período ditatorial; o retorno ao Maranhão; a filiação ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e sua atuação no movimento negro; a criação do Centro de Cultura Negra (CCN); as divergências partidárias no CCN.

Fita 2-A: As reuniões do CCN com o Partido dos Trabalhadores (PT); a polêmica da CNN televisionada; a ruptura com o CNN e a reivindicação do termo Akomabu; a relação com as Ligas Camponesas; o massacre em Perapema, na década de 1960; a questão agrária em Maranhão; a influência de Abdias do Nascimento em sua formação; a vida conjugal; as oportunidades profissionais após o exílio; o curso de Administração e Contabilidade; a opção pela filiação ao PDT; os contatos com Leonel Brizola; as conexões com o movimento quilombola do Maranhão; o contato com João do Vale; reflexões sobre sua trajetória de vida.

*Entrevista: 07.09.2004*

V.A. – Senhor João Francisco, nós, como estávamos conversando, gostaríamos de entender a sua participação no movimento negro desde o começo, enfim, desde a sua infância, do seu nascimento, para ver como é que o senhor foi parar no movimento. O senhor nasceu aqui no Maranhão?

J.F. – Nasci aqui no Maranhão e aqui em São Luís.

V.A. – Que dia?

J.F. – 2 de junho de 1936.

V.A. – E os pais do senhor eram maranhenses?

J.F. – Todos os dois. Tanto meu pai como a minha mãe.

V.A. – E como eram os nomes deles?

J.F. – Meu pai era Gervásio Francisco dos Santos e minha mãe Efigênia Francisca dos Santos.

V.A. – Francisca também?

J.F. – Grande coincidência.

V.A. – E eles tiveram muitos filhos? O senhor foi o primeiro? Como é que foi?

J.F. – Não. Já fui o último.

V.A. – Caçula?

J.F. – Caçula.

V.A. – Eram muitos irmãos?

J.F. – Éramos quatro mulheres e um homem. O homem morreu logo.

V.A. – O senhor chegou a conhecer seu irmão?

J.F. – Conheci. Tenho uma lembrança de um rapaz, um garoto também, que me pegava pela mão, mas assim, uma coisa muito vaga, porque ele morreu co 12 ou 13 anos.

V.A. – Morreu de quê?

J.F. – Ele estava meio suado – é o que contam, nesse período não tinha isso que chamam hoje de colapso, essas coisas – deu um troço, adoeceu e morreu. Eles acham que ele estava muito suado e tomou um banho, banho esse que dali a pouco tempo ele morreu. Reinaldo é o nome dele.

V.A. – E as irmãs do senhor como se chamam?

J.F. – Dona Rosilda, a mais velha, Lionete a do meio e Odete. Todas já morreram.

V.A. – O pai do senhor fazia o quê?

J.F. – Meu pai era funcionário público do estado, trabalhava na zona do porto.

V.A. – Ele era o quê?

J.F. – Ele era uma espécie de marinheiro, uma pessoa que cuidava de barcos, essas coisas.

V.A. – Da travessia aqui para Alcântara?

J.F. – Não. Da fiscalização do porto. As embarcações que aqui chegavam do interior com peixe, tinham um imposto por pagar. Então eles ajudavam nessa vistoria para cobrar os impostos para o tesouro do estado.

V.A. – Então ele era funcionário público do estado e trabalhava no porto na vistoria, digamos assim, de imposto?

J.F. – É. Lá tinha uma agência no cais do porto.

V.A. – E sua mãe era dona de casa?

J.F. – Minha mãe era dona de casa, doméstica, cuidava das coisas, mas era uma mulher muito comprometida com a sua família. Ela que tirou todos os parentes que viviam no Rosário em situação muito difícil, lá onde ela nasceu com minhas tias e minha avó. Ela trouxe esse pessoal todo para São Luís.

V.A. – Rosário é o quê?

J.F. – É um município aqui do estado. Lá no Rosário tinha uma fazenda de escravos, e com o término da escravatura, eles continuaram lá, porque a fazenda também entrou em decadência. E eles continuavam lá em uma situação realmente muito difícil. E minha mãe ficou moça e começou a trazer o pessoal para São Luís. A última que ela trouxe de lá eu fui ver. Foi em 1950 que ela foi buscar tia Giosina, uma preta alta, magra, muito sofrida. Ela trouxe para São Luís.

V.A. – Mas trouxe e as pessoas ficavam aonde? Na casa do senhor?

J.F. – Não, na casa da minha avó. Eles compraram uma casa aqui em Monte Castelo, e esse pessoal todo que vinha de lá, vinha para aí e para arranjar serviço na cidade, para se livrar daquela situação extremamente difícil.

V.A. – Porque na fazenda as pessoas também não tinham a propriedade da terra, estavam ali morando emprestado, digamos assim?

J.F. – Não tinham. Porque acabou a escravatura e eles ficaram lá, em uma região realmente, hoje ainda é muito difícil. Eu quero voltar lá, todo dia eles que estão voltando, querem olhar aquilo. Nunca mais voltei lá, também o nosso pessoal todo veio embora de lá, o pessoal da minha família, da minha mãe.

V.A. – Mas a sua mãe nasceu aqui em São Luís?

J.F. – Não. Nasceu lá em Rosário. Lá em um lugar chamado Pirangi. Na beira do rio Itapecuru.

V.A. – E ela veio para São Luís mocinha, novinha?

J.F. – Veio novinha.

V.A. – Com a sua avó?

J.F. – Não. A minha avó ela trouxe depois.

V.A. – Então como ela veio para São Luís?

J.F. – Veio com uma família amiga que eles tinham lá no Rosário, que vinha para cá para São Luís e trouxe ela. E ela veio aqui, conheceu outras pessoas, arranjou emprego e foi buscar o resto do pessoal todinho.

V.A. – Mas ela chegou a trabalhar aqui antes de casar?

J.F. – Sim. Ela trabalhou a vida toda.

V.A. – Trabalhou como?

J.F. – Trabalhava de doméstica. Ela lavava roupas aqui na cidade e eu me lembro que ela trabalhava na casa de uma senhora que era a minha madrinha, uma senhora que tinha uma situação boa aqui na cidade. Ela morava no Anil e ela ia muito para lá. Quase que eu nasci nessa casa do Anil, segundo o que ela me conta, de tanto ir para lá já no período de ter filho. Mas aí ela terminou tendo filho mesmo aqui no caminho do matadouro, em uma ruazinha ali.

V.A. – Caminho do matadouro?

J.F. – É.

V.A. – O senhor nasceu no caminho do matadouro?

J.F. – É. Porque aqui tem um matadouro onde matavam o gado, tem esse caminho. Mas a rua mesmo que eu nasci e ainda existe lá é a rua Paulino Souza.

V.A. – O senhor nasceu na rua?

J.F. – Em uma casa dessa rua.

V.A. – Ah bom. Pensei que ela de tanto andar, o senhor acabou nascendo na rua com ela andando.

J.F. – Não. Eu nasci em uma casa que eles alugaram ali na rua Paulino Souza.

V.A. – Então ela trabalhava de empregada doméstica e cuidava dos filhos, dos seis filhos, não é isso? E levava o senhor e seus irmãos?

J.F. – Não. Só eu, porque as minhas irmãs já estavam mais velhas. Eu não lembro, só uma vez que eu lembro que a minha irmã, a Rosilda, estava comigo na casa da minha madrinha. Isso eu me lembro vagamente. Mas eu era tão pequeno assim, que parece que ela até me carregava, para me tirar lá de fora porque tinha gado na casa, atrás na fazenda, umas vacas



leiteiras para tirar leite na residência deles no Anil. E acho que para eu não andar muito por lá ela me levava para dentro de casa.

V.A. – No Anil ainda tinha gado?

J.F. – Tinha até pouco tempo. Eu trabalhei em uma empresa aqui, que nós recolhíamos gado nas ruas da cidade. Esse trabalho era de apreensão de animais. Ainda teve um gaiato aí que nós prendemos, nesse dia eu nem estava lá, o pessoal prendeu umas vacas de um sujeito ali no Anil, levaram lá para o coliseu e ele foi lá com os empregados dele tirar os animais na marra, armados. Aqui não é fácil. Não é mole não.

V.A. – Aí o senhor foi crescendo, em que bairro que o senhor morava, nessa rua?

J.F. – Nessa casa que nós temos aí, já em Monte Castelo, até hoje nós temos essa casa. Foi a casa que meu pai comprou para minha mãe. Nós todos vivemos lá, saímos da lá, quem saiu para se casar, saiu, quem não se casou ficou na casa. E hoje moram lá minhas sobrinhas, filhas dessa minha última irmã que faleceu, foi Odete, aliás Lionete. Odete faleceu antes de Lionete. E estão aí até hoje. A maior parte dos meus endereços que eu tinha antes eu deixo aí, para não ter que estar mudando de endereço. Eu vou sempre lá buscar as minhas correspondências mais antigas, vem tudo para esse endereço aí na 24 de outubro.

V.A. – E o senhor foi à escola quando era pequeno?

J.F. – Fui. Estudei no Ateneu, uma escola boa aqui da cidade, quem pagava era a minha madrinha.

V.A. – Uma escola privada?

J.F. – Privada. O Primário eu fiz todo em escola pública. Já para o ginásio foi diferente, porque aí minha madrinha queria ajudar e tudo, e a gente também não tinha condição...

V.A. – Então o senhor foi para esse Ateneu?

J.F. – Ateneu Teixeira Mendes, que era do Solano Rodrigues, uma pessoa formidável aqui da cidade.

V.A. – Quem é Solano Rodrigues?

J.F. – Já faleceu. Era um educador, um matemático muito respeitado na cidade.

V.A. – E o senhor então foi para essa escola privada e...

J.F. – Terminei o ginásio lá... Comecei lá, mas depois fui para o colégio de São Luís e terminei lá, fiz lá no colégio de São Luís Administração e Contabilidade.

V.A. – Escola técnica?

J.F. – É, um curso técnico. Não tinha essa força que tem hoje porque naquele período não tinha nem universidade para se formar em economista, para ser contador. Então essa escola preparava alunos e eles faziam esse trabalho de contabilidade. Quem estava interessado, o pessoal chamava de doutor também, mas não tinha quase nada disso. Não tinha essa formalidade que tem hoje.

V.A. – O senhor se formou em Contabilidade quando?

J.F. – E Administração. Isso tem o quê? Já em 1960...

V.A. – Com quantos anos?

J.F. – Ah, eu devia ter o quê? Eu passei um período grande fora.

V.A. – Então antes dessa escola o senhor ainda passou um tempo fora?

J.F. – Passei. Porque aqui nós temos uma atuação, eu era da Ação Católica. Então na Ação Católica...

V.A. – Como é que o senhor entrou na Ação Católica?

J.F. – Porque minha irmã era da Ação Católica, a Rosilda. E era muito amiga da família do bispo, porque ela costurava muito bem, e as coisas do palácio do bispo, as roupas, tudo, ela era quem cuidava.

V.A. – Qual era o nome do bispo?

J.F. – Dom Adalberto Sobral. E a irmã dele, que a gente chamava só de dona Zizinha. Então nós tínhamos essa vida muito estreita na Igreja. E minha irmã era da Ação Católica, sempre ia para a Ação Católica com ela e aí pronto: quando eu me dei conta eu já estava na JOC, Juventude Operária Católica, que era uma organização da Igreja. Então na JOC, que as lutas começaram a se acirrar mais no sentido da libertação do campo, dos trabalhadores, aí eu fui nessa.

V.A. – Vamos então aos poucos. O senhor fez escola aqui, aí a sua madrinha pagou o Ateneu, nisso o senhor ainda era criança.

J.F. – É.

V.A. – O senhor entrou na Ação Católica com que idade mais ou menos?

J.F. – Eu podia ter uns 12 anos no máximo. Porque eu já andava com ela na Ação Católica: “Vem cá, garoto!” Eu era bem pequeno.

V.A. – E como em que a sua irmã, a Rosilda... Ah, porque ela costurava para o bispo.

J.F. – Para o bispo. E aí esses nossos laços com a Igreja se estreitaram muito. Para você ver: quando dom Adalberto Sobral faleceu, que veio outro bispo para ficar no lugar dele, nós já

estávamos dentro do palácio do bispo. Então já fizemos amizade com o dom José de Medeiros Delgado, que foi quem criou a faculdade de Medicina aqui. Então já estávamos lá dentro do palácio do bispo.

V.A. – Mas já estava lá como, que o senhor está dizendo?

J.F. – Porque eu ia muito lá, levava minha irmã, trazia minha irmã, e já estava também na JOC, Juventude Operária Católica, e me dava bem com ele. Quando ele criou aqui a semana ruralista, já me levava para ajudar a distribuir sementes nos municípios onde a semana se realizava.

V.A. – Então o senhor entrou para a JOC quando?

J.F. – Não me lembro assim, não tenho precisamente as datas de quando eu fui. Mas fui muito jovem.

V.A. – O senhor tinha que idade também?

J.F. – Acho que eu podia ter uns 15 anos, eu acho.

V.A. – Muito jovem. O senhor era operário?

J.F. – De um certo modo sim, porque eu nunca deixei de trabalhar.

V.A. – O senhor trabalhava em quê?

J.F. – Olha, no tempo que eu estudava, eu fui trabalhar na universidade, que era de dom Delgado, que era a universidade da Igreja. Antes eu só estudava mesmo, eu não tinha assim para dizer que: “Eu trabalhei na roça, fiz negócio de comércio...” Não. Eu só fui para o comércio depois da universidade, porque também fui para o Exército, servi o Exército, fiz boas amizades lá, porque o exército é uma coisa maravilhosa.

V.A. – Vamos ver: o senhor entrou na JOC, mas o senhor disse que não era operário mas já trabalhava. Trabalhava como? Na universidade o senhor fazia o quê?

J.F. – Na universidade, para criação da universidade, dom Delgado me chamou e me deu, de um certo modo, a chave da universidade. Porque todo o material que nós recebemos da Alemanha na época do Conrad Adenauer, que foi ministro... ele se deu bem com dom Delgado, dom Delgado se deu bem com ele, e ele deu para cá os microscópios, os mesmos microscópios que foram utilizados na faculdade de Medicina, foram todos trazidos da Alemanha por dom Delgado.

V.A. – Era a faculdade, a universidade católica de São Luís?

J.F. – Que deu origem a essa Universidade Federal.

V.A. – Que deu origem a esta onde nós estamos?

J.F. – Exato.

V.A. – Ele criou primeiro a Faculdade de Medicina?

J.F. – Medicina. Porque ele já tinha na Igreja a de Filosofia.

V.A. – Já tinha a Faculdade de Filosofia?

J.F. – Já tinha. Filosofia veio antes da Medicina.

V.A. – Então o senhor trabalhava na faculdade como um administrador do equipamento?

J.F. – No momento era isso. Quando ela tomou mesmo corpo eu fui trabalhar no Departamento de Histologia.

V.A. – O senhor fazia o que lá?

J.F. – Ajudava a fazer lâmina, cortava em microscópio, fazia aquelas lâminas todas e depois ajudava na Anatomia. Os cadáveres que vieram para lá, de um certo modo, nós tomávamos conta.

V.A. – Botavam no formol...

J.F. – No formol, nós tínhamos a chave de lá do Departamento lá em baixo... Então eu era uma pessoa muito ligada à Igreja e muito ligada às atividades da Igreja.

V.A. – Aí o senhor entrou na JOC, e isso já com, digamos na década de 1950, não é?

J.F. – Mais ou menos.

V.A. – Aí estávamos primeiro no governo Vargas, depois no governo Juscelino... quando o Vargas se matou o senhor estava aonde mais ou menos?

J.F. – Eu estava aqui no Maranhão. Agora, antes disso eu estive servindo o Exército e aqui estiveram Eduardo Gomes, que foi candidato, me lembro; o Jânio... Aquele período todo eu vivi...

V.A. – O senhor serviu ao Exército aqui em São Luís mesmo?

J.F. – Aqui. Mas eu fui à Fortaleza fazer Escola de Saúde do Exército. Mas eu não estava muito interessado, quando nós tivemos que cuidar de um jornal da Igreja, aí nós nos dedicamos também a isso. Aí deixamos o Exército.

V.A. – A Escola de Saúde do Exército em Fortaleza.

J.F. – Fui fazer o curso.

V.A. – Sim, mas aí o senhor passou um ano servindo o Exército como é normal...

J.F. – Mais de um ano, porque eu incorporei por mais dois anos mas só tirei um. Além do ano normal, era para passar dois, mas eu só passei um. Então eu fiquei dois anos no Exército.

V.A. – Não entendi.

J.F. – Tem um ano normal que você tira. Então você, se costuma chamar, engaja. Esse engajamento são dois anos. Mas eu só tirei um, porque eu pedi baixa antes de completar os dois anos.

V.A. – Então, no fundo o senhor tinha que ficar três mas só ficou dois, é isso?

J.F. – Exatamente.

V.A. – Entendi. Bom, aí o senhor estava trabalhando na JOC, e fazia o quê na JOC?

J.F. – Na JOC nós organizávamos a juventude que trabalhava. Fazíamos encontros, viajavamos com o pessoal no estado do Maranhão e fora do estado. Então isso me deu assim uma visão muito crítica da situação do estado. Porque você viaja e você vê as coisas que muitas vezes as pessoas não veem, que também não estão interessadas em ver. E isso vai me ajudando muito.

V.A. – E o que o senhor viu por exemplo?

J.F. – A situação do povo negro.

V.A. – O senhor já estava despertado para essa questão?

J.F. – Sim. Não tinha dúvida.

V.A. – Porque em princípio a JOC não precisa pensar em povo negro. Você está pensando na questão social, mas...

J.F. – Mas aqui no nosso caso ficou muito direcionado nessa questão porque aqui é um estado de negros e os negros aqui são os que mais sofrem porque estão embaixo na pirâmide social. Então aí só não vê quem não quer, não é?

A.P. – Mas dentro dessa militância na JOC tinha alguma discussão sobre essa questão do negro, falando no negro?

J.F. – Já. Aqui tinha um padre que naquele período ele já até deixou a batina, que nos ajudava muito nesse sentido.

A.P. – Ele era negro?

J.F. – Não. Era branco. Nessas relações sociais. Ele era europeu.

V.A. – Qual era o nome dele? O senhor se lembra?

J.F. – Alípio de Freitas. Então ele ajudou muito nesse período, mas muito mesmo.

V.A. – Como? Em que sentido? O que ele fazia?

J.F. – Ele sempre tomava posição ao lado dos operários. E isso lhe causou muitas dificuldades na cidade, porque as fábricas que iam fechando uma atrás da outra, eles não queriam... De manhã eles iam para a missa no domingo...

V.A. – Quem?

J.F. – Os donos das empresas. Estavam lá com o terço na mão rezando, e na hora de pagar as indenizações dos empregados, era pior do que é hoje, então a mutreta era feita e o sujeito ia para a rua sem direito a nada.

V.A. – E as fábricas fechavam por quê?



J.F. – Porque de um certo modo elas ficaram obsoletas e eles também não tinham visão de futuro, e deixaram as fábricas...

V.A. – Fábricas de que por exemplo?

J.F. – Fábricas de tecido. Aqui tinham fábricas muito boas de tecido: tinha a Cânhamo, Camboa, Fabril... O Maranhão era uma outra coisa. Não era esse desencanto que é hoje.

V.A. – Até quando que era outra coisa?

J.F. – Até os anos 1960, não, 60 nem tanto. Até os anos 1950 o Maranhão era outra coisa. Depois que o Maranhão se tornou essa indústria da política. Porque antes sempre tinha uma visão de ter suas fábricas, de ter seus negócios. Você viaja aqui no Maranhão, você vai encontrar a margem do rio Itapecuru e a margem depois da ferrovia, grandes cidades desenvolvidas e tudo isso, não é esse desencanto que é hoje.

V.A. – Na época tinha cidades, hoje em dia não?

J.F. – As cidades continuam. Mas você vai, por exemplo, no Rosário: o que tem no Rosário? Não tem nada. Não tem uma fábrica de nada. De que o povo vive? Praticamente na miséria. É isso. E a indústria da política: se você está bem na política, o resto que se dane. Porque eles têm a facilidade dos empréstimos para não fazerem nada, para não aplicar no desenvolvimento da cidade, então vai ficando aí para depois.

V.A. – Então havia muita fábrica fechando mais ou menos na década de 1950, assim, e que os patrões não pagavam indenização.

J.F. – Nada, não estavam nem ligando.

V.A. – E esse padre Alípio ajudava...

J.F. – Na conscientização do povo.

V.A. – Porque nesse momento já tinha inclusive as leis trabalhistas.

J.F. – Mas aqui as leis não funcionam muito, não.

V.A. – As leis trabalhistas, aquelas da CLT, nada disso?

J.F. – Tinha pouquíssimas utilidades. Para você ter uma ideia, eu entrevistei um senhor que era estivador e ele nos contou um negócio interessante: ele ouviu lá, era estivador carregando caixa e tudo, um dono de armazém dizer para um colega dele: “Agora você vê: agora vai ter salário mínimo. Tem que pagar salário mínimo para esse pessoal. Depois nós vamos chegar em um teatro e não vamos ter mais lugar para sentar no teatro.” Para você ver qual era a mentalidade que dominava. O pessoal não tinha que ter direito nenhum porque se ele fosse ter direito ia tomar o lugar dele no teatro. Então eu fazia um jornal, do movimento negro já, que é o jornal *Akomabu*, eu até vou te dar um número depois porque o jornal acabou.

V.A. – Eu comprei o CD.

J.F. – Mas esse é do bloco na certa.

V.A. – É do bloco. Eu comprei agora.

J.F. – Porque esse jornal, o que se pensava nesse jornal...

V.A. – Quando é que foi criado esse jornal? [silêncio] Eu que fico fazendo essas perguntas...

J.F. – Eu me perco um pouco nessas datas.

V.A. – O senhor tinha que idade mais ou menos?

A.P. – É na década de 1950?

J.A. – O jornal tem uns 10 anos.

V.A. – Faz pouco tempo.

J.F. – Eu já estava em uma atividade fora de série. Já tinha voltado dessas andanças lá pelo sul.

V.A. – O senhor vai contar para a gente essas andanças.

J.F. – Pois é, e esse jornal que tinha que fazer esse trabalho, entre o carnaval, que o bloco tem um papel importante, para você ter uma ideia, nós levamos, no último carnaval que eu participei, 4 mil negros para a avenida. Você precisava ver o que era isso. Mas houve uma divergência no movimento e eu achei por bem largar para lá. E deixei. E hoje o bloco não tem mais aquela força que tinha no passado porque vários outros criaram outras organizações, criaram outros blocos. Mas isso bom, porque cresce e tudo mais. Mas o bloco Akomabu, de certo modo, ficou parado no tempo e no espaço. O bloco hoje não é mais aquele bloco. Não é porque eu tenha saído, porque a minha saída não teve tanto peso como a saída de um grupo de rapazes que faziam excursões e levavam as teses do movimento negro para outros municípios e tal.

V.A. – O senhor disse que fez uma entrevista com um estivador. Por que o senhor fez essa entrevista? Em que contexto?

J.F. – Eu fiz essa entrevista porque essa relação do trabalho, do campo do trabalho, para nós é muito importante poder perceber porque as coisas acontecem e porque não acontecem. Porque isso não é obra de Deus não. “Ah, porque Deus quer...” Deus não quer isso não. Isso é uma grande embromação, utilizar o nome de Deus para encobrir essa safadeza. E agora na nossa época, hoje por exemplo, tem outra coisa, que é a ética. Tudo agora eles inventam que não pode mexer por causa da ética. A ética não pode servir para acobertar bandalheiras. A ética é uma coisa assim tão sublime, tão importante, que não pode estar a serviço desse tipo de coisa, que você conhece tão bem, até melhor do que eu. Então hoje é isso: o sujeito não

mexe por causa da ética. Que ética? O sujeito faz uma safadeza por um desliza, que hoje é muito normal isso, principalmente no Direito e na Medicina, e os colegas não dizem nada.

V.A. – Fica o corporativismo, não é?

J.F. – Por causa da ética. Ética não é para isso. Você não pode utilizar ética para cobrir bandalheira, para cobrir sem-vergonhice, entende?

V.A. – Mas eu estava perguntando para o senhor: o senhor fez essa entrevista para sair no jornal? Por que o senhor fez essa entrevista?

J.F. – Eu fiz essa entrevista porque ele era uma pessoa assim muito vivida, muito inteligente, tinha viajado muito, ele tinha estado em vários países, e eu fui entrevistá-lo porque eu tinha muitas entrevistas guardadas...

V.A. – E onde estão essas entrevistas?

J.F. – Eu já botei um bocado fora. Agora mesmo estou botando um bocado de fotografias, porque eu acabei com o jornal...

V.A. – Não! Não bote fora. Dá para mim.

J.F. – Tem um bocado de coisa. Eu fiz um programa na rádio que era *Nossa gente*. Muito ligado aos cultos africanos. E aconteceu um negócio importante um dia desses, porque eu tinha trazido do Rio um disco de vinil...

V.A. – LP.

J.F. – LP. E no programa, lá pelo meio do programa eu botei um toque, que é um toque que eles abrem as cerimônias nas casas de culto, que é o *imbarabô*. E quando nós botamos essa música no ar, nós já tínhamos divulgado muito o telefone da rádio, muita gente ouvia, e todo mundo queria saber como que a gente tinha conseguido aquela música. Eu disse para o Aroucha: “Olha, esse comentário tu deixa, que quem quer fazer sou eu, em relação a essa

música.” Aí eu disse: “Essa música está ligada aos cultos africanos, mas só pode resistir ao tempo, ao descaso, à perseguição, tudo isso, as coisas que estão realmente no coração do povo. Que é muito difícil de ser destruído. Então o tempo passou, hoje veio o modernismo e nós tivemos condição de colocar no ar para você ouvir esse tipo de música, que até pouco tempo você não podia ouvir porque você não teria o alcance que tem hoje a rádio e a televisão.” Mas foi no rádio. Depois nós suspendemos o programa porque um sujeito se comprometeu também a ajudar o programa e não quis ajudar, aí eu dei um “raspa” logo nele e tirei o programa do ar.

V.A. – Mas vamos voltar no tempo um pouquinho: o senhor estava na JOC, estava trabalhando aqui na faculdade de Medicina, e como é que o senhor foi para no Rio de Janeiro?

J.F. – Olha, eu sempre fui par o Rio de férias. A primeira vez que eu fui ao Rio ainda tinha bonde, aquele bonde largo. Você conheceu?

V.A. – Não.

J.F. – Lá no Estácio, o bonde passava ali. Era um bonde largo...

V.A. – Por que o senhor ia para o Rio de férias?

J.F. – Porque esse senhor que eu entrevistei, era muito meu amigo...

V.A. – Como era o nome dele?,

J.F. – Raimundo Francisco Pinheiro. Ele era estivador, era da federação dos estivadores, e eu participei muito desse negócio muito levado por ele. Até os filhos dele não participavam tanto.

A.P. – Então o senhor entrevistou ele na época que tinha bonde?

J.F. – Não. Muito depois.

V.A. – Ele era estivador e ia muito para o Rio.

J.F. – Ia porque ele era da Federação, ele ajudou a criar a Federação dos estivadores.

V.A. – E ele era aqui do Maranhão?

J.F. – Era do Maranhão. Era um sujeito bom de se conversar, ele sabia de muitas coisas, de muitas histórias, viajava muito.

V.A. – Ele era negro?

J.F. – Negro. E é do Rosário. Estão todos formados os filhos dele. Todos formados.

V.A. – Então o senhor ia com ele passar férias?

J.F. – A primeira vez que eu fui, foi pelo movimento estudantil. Fiquei hospedado lá na UNE porque eu era do movimento secundarista aqui do Maranhão e eu estava muito ligado na UNE e ia muito lá.

V.A. – O senhor tinha que idade?

J.F. – Devia ter uns 20 anos no máximo, porque eu passei mais uns 20 fora, é mais ou menos isso...

V.A. – Depois o senhor foi para o Rio...

J.F. – Para o Rio e aí depois me meti na política e vi tanta gente, participei de tanta coisa...

V.A. – Então conta.

J.F. – Uma das coisas que eu posso te contar é que aqui no Maranhão, com o Golpe de 1964... Eu tinha muitos amigos aqui, aí ganhei uma bolsa de viagem, que seria de dois meses.

V.A. – Para onde?

J.F. – Para a Europa. Aí eu...

V.A. – Ganhou de onde?

J.F. – Do movimento estudantil internacional. E com essa bolsa eu... Porque depois deram o Golpe e eu não pude voltar.

V.A. – O senhor ficou lá?

J.F. – Fiquei. Passei dois anos.

V.A. – Aonde?

J.F. – Passei dois anos em Moscou. Mas antes disso eu estive em Portugal, estive na Espanha, estive na Tchecoslováquia, estive em Praga, que é uma cidade linda...

V.A. – O senhor foi com que idade? Desculpa perguntar de novo.

J.F. – É, para a gente poder se situar. Deixa eu pegar aqui um papel para fazer um cálculo rapidinho. Eu tinha 28 anos.

V.A. – Então o senhor era do movimento secundarista com 28 anos?

J.F. – Era.

V.A. – Porque o senhor depois que foi para a faculdade de Medicina, o senhor fez...

J.F. – Eu era empregado, na faculdade de Medicina eu era empregado.

V.A. – E aí o senhor fez aquela escola de Administração e Contabilidade...

J.F. – Mas isso eu já fiz quando voltei da Europa.

V.A. – Então como é que o senhor era estudante secundarista?

J.F. – Porque eu fiz aqui o meu ginásio, eu só vim fazer esse curso de Administração e Contabilidade quando eu voltei, porque eu precisava de um curso técnico porque eu estava pensando em montar um negócio, então eu precisava saber mexer com essas coisas.

V.A. – Mas o senhor ganhou essa bolsa como estudante secundarista, mas o senhor ainda não era secundarista?

J.F. – Eu tinha estado no encontro da UNE no Rio de Janeiro e lá eu mantive contato com o pessoal do movimento internacional. E aqui, o pessoal de esquerda aqui no Maranhão tinha muita ligação comigo, porque eu era da Igreja, mas não ligava para essas coisas: “Não fala com ninguém, você é comunista...” Eu não me incomodava. Então eles tinham esses movimentos dessas pessoas que eles davam essas viagens, essas bolsas para a Europa e também aqui para alguns países que eles tinham influência, mas a maioria na Europa mesmo porque os países chave daquilo tudo ali eram a Alemanha Ocidental, a China...

V.A. – A Alemanha Oriental, não é?

J.F. – É. Mas eu não fui à Alemanha. Não fui porque naquele período o Mao Tse-Tung já estava brigando com o Krushev, quem ia para a China estava lascado. Então eu fui para esse encontro. Isto foi em 1963...

V.A. – O senhor foi para o Rio para o encontro da UNE...



J.F. – Não. No final de 1963 eu estive no Rio de férias e voltamos para o Maranhão, eles me deram essa bolsa e eu fui para a Europa.

V.A. – Era da Internacional Socialista, que o senhor diz?

J.F. – Exato. Quando deram o Golpe de 1964 aqui no Brasil eu já estava na Europa. Como eu tinha no meu passaporte a foice e o martelo...

V.A. – Por que o senhor tinha?

J.F. – Porque eu fui para Moscou. Na embaixada estava lá...

V.A. – O carimbo?

J.F. – Exato. E a perseguição era muito grande, como é que você ia voltar com um passaporte daquele queimando? Não podia. Aí voltei, mas voltei dois anos depois e voltei para a clandestinidade.

V.A. – O senhor voltou por onde?

J.F. – Voltei pelo Uruguai. Mas aqui em cima, nessa andança toda, eu só não estive na Argentina e no Chile, nesse pinga-pinga para voltar para o Brasil. Aí voltei para o Uruguai, do Uruguai depois entrei pela fronteira. Aí voltando pela fronteira eu já tinha umas ligações boas de um pessoal que trazia a gente para cá e entrei na luta aí contra a Ditadura.

V.A. – E o senhor foi para onde?

J.F. – Fiquei lá no Rio. Fui para São Paulo, fui para Minas, porque nós ajudávamos na resistência contra a Ditadura. E para mim era uma beleza, porque: “Esse não serve para nada...” eles não estavam nem preocupados com os negros. Então eu andava muito bem.

A.P. – Não tinha problemas?

J.F. – Não. Nós montamos em Niterói um jornal, eu levei os tipos em uma cesta com verduras, tudo em cima e em baixo estavam os tipos. A maior fiscalização em Niterói, revistando gente, passava de barca e voltava, porque ainda não tinha aquela ponte. Porque quem fez aquela ponte foi o Andreazza quando era ministro. Então era uma beleza.

V.A. – Então o senhor tirou vantagem mesmo, nesse sentido, das pessoas acharem que o senhor não representa...

J.F. – Ah sim. Não quero dizer de você, mas assim, você admitiria que eu tivesse vivido dois anos na Europa?

V.A. – Imagina, não.

J.F. – Não. É isso.

V.A. – O senhor aprendeu a falar Russo?

J.F. – Um pouco, mas depois de... O seguinte: nós tínhamos aulas de Russo com o professor que coordenava o curso. Eu disse: “Eu vou aprender russo para falar com quem lá no Maranhão? Eu vou mais é fazer Filosofia. Vou para a biblioteca que tem livro de tudo quanto é canto. Vou estudar isso aí...”

V.A. – O que o senhor fez então nesses dois anos?

J.F. – Lá? Fiz Filosofia, para saber por que as coisas acontecem.

V.A. – O senhor lia que livros?

J.F. – Ah, li muitos. Um dos livros mais importantes que tinham lá é *Anti-Dühring*, *Obras escolhidas de Lênin*, Marx, [inaudível], Mao Tse-Tung...

A.P. – Você lia em Português lá?

J.F. – Tinha em Castelhana, todo curso era dado em Castelhana. Mas tinha muita coisa em Português porque eles estavam preparando um pessoal lá em Portugal, então tinha muita coisa dedicada à Portugal. Porque o líder de Portugal era aquele...

A.P. – Salazar?

J.F. – Era um bandido, o Salazar. Mas o pessoal da resistência lá de Portugal, Álvaro Cunhal, que era o secretário do Partido Comunista. Esse eu conheci na Europa. Mas tinha muita coisa escrita em Português que eles passavam para o pessoal lá em Portugal saber porque que o mundo roda. Mas era isso.

V.A. – E o senhor morava onde?

J.F. – Lá em Moscou?

V.A. – Isso.

J.F. – Morava em Socol, tem uma estação de metrô chamada Socol e nós tínhamos uma casa... Então essa estação de metrô era nesse bairro.

V.A. – E aí o senhor morava em um prédio?

J.F. – Um prédio.

V.A. – Um quarto, uma república?

J.F. – Um apartamento. Uma espécie de república.

V.A. – Com outras pessoas de outros lugares?

J.F. – De outros lugares.

V.A. – O senhor conheceu gente do mundo inteiro?

J.F. – Porque lá, a União Soviética era a cabeça do movimento internacional. Então todo mundo ia lá. E lá você tinha, por exemplo, quando fez 24 anos da Revolução Socialista, esse pessoal era convidado para aquela grande reunião lá. E lá na minha turma eles me apontaram, porque não podia levar todo mundo, não é? Então no grupo eles me indicaram para ir representando o grupo para lá, para essa reunião lá no Kremlin. Então lá no Kremlin eu vi esse pessoal todinho. Lá eu vi o Che Guevara, vi o [inaudível], vi o [inaudível], que era da Espanha, vi esse menino lá de Portugal e vi muita gente aqui da América Latina que eu não me recordo. E depois eles iam fazer conferências lá na escola que nós estudávamos, eles ficavam lá e eram convidados.

V.A. – Era escola de Filosofia, não?

J.F. – Era uma escola para estrangeiros mesmo, porque tinha gente de todo canto do mundo.

V.A. – Para formação de militantes, digamos assim?

J.F. – Mais para o conhecimento da Filosofia. Então tinha gente de todo canto do mundo, eu acho que tinha até reacionário lá.

V.A. – E a questão da cor em Moscou?

J.F. – Não...

V.A. – Tinha outros negros?

J.F. – Tinha muitos africanos. Muitos africanos e a maioria dos africanos tinham... porque tinha os africanos que podiam ser vistos e africanos que não podiam ser vistos.

V.A. – Como assim?

J.F. – Porque onde a repressão estava muito grande em países em que a luta estava contra o colonialismo, aqueles negros não podiam estar mostrando o retrato deles. Porque era até difícil eles voltarem para casa. Já viu o que ia acontecer, não é? Então tinha negros lá que estavam em outros tipos de escola que eu nem sei para onde que era. Mas eu sei que existia. Para você ver, o menino que está em Angola, o nome dele é...

A.P. – O presidente?

J.F. – Sim.

A.P. – Eduardo?

J.F. – Eduardo dos Santos. Eu até digo que é meu parente. Ele estava estudando em Moscou e o pau estava quebrando lá na resistência em Angola. Então tem que ter quadros de alto nível para dirigir o governo, porque pegar metralhadora e dar tiros até que não é tão difícil. Agora dirigir economia...

V.A. – Bom, então o senhor ficou na clandestinidade mesmo de 1966, quando o senhor voltou...

J.F. – Fiquei.

V.A. – Até?

J.F. – Até quando veio a Anistia.

V.A. – Até 1979.

J.F. – É.

V.A. – E no Rio ou em São Paulo?

J.F. – Rio, São Paulo, Minas...

V.A. – E sua família aqui, sua mãe morrendo de saudades...

J.F. – Eu vim aqui ver minha mãe.

V.A. – O senhor veio aqui?

J.F. – Vim. É um negócio que eu não gosto muito de falar porque me dá muita tristeza.

V.A. – Ela sabia que o senhor tinha ido para Europa?

J.F. – Sabia, mas não sabia de tudo. Mas ela foi assim, muito mexida, em função de eu não poder voltar, aquele negócio todo, cada um contava uma história. E eu não podia chegar para contar a história verdadeira, não é? Mas como era uma mulher com um temperamento bom... eu não me recordo de ter visto minha mãe chorando um dia.

V.A. – Jura?

J.F. – Juro. Era uma mulher muito forte, de fibra. Agora que a gente fica velho, de vez em quando fica se emocionando. Mas minha mãe era...

V.A. – E a Rosilda, teve algum problema?

J.F. – Teve. Tem uns seis anos que ele morreu.

V.A. – Não, eu digo assim: porque ela trabalhava na Ação Católica. Ela teve alguma perseguição?

J.F. – Não. Ela não fazia política partidária. Era política assim mesmo da Igreja, de rezar, cantar hinos, essas coisas todas.

V.A. – E o senhor que foi para a parte política.

J.F. – Ah fui. Fui porque fora disso não tem salvação.

V.A. – O senhor tinha algum modelo em alguém, ou foi pelo senhor mesmo? Porque na família tinha alguma atuação política, alguém que tinha um engajamento?

J.F. – Não. Na minha família, não. Eu já vi mais outras pessoas depois. Aqui tinham vários líderes camponeses que eram sujeitos muito interessantes, muito dedicados.

V.A. – Quem é que levou o senhor assim? Porque o senhor disse que foi sua irmã, a Rosilda, mas é porque o senhor era menino: “Vem cá menino faz isso...” Quem é que levou o senhor realmente para esse caminho da JOC, para a parte de política? Ou foi o senhor mesmo?

J.F. – Fui eu mesmo. Mas nessa trajetória toda eu conheci muita gente responsável, pessoas dedicadas à luta do povo, e tudo isso. Esse padre ajudou muito. Você vê, quando prenderam aqui uma pessoa... Eu realmente não dou entrevista.

V.A. – Que bom. Então é um privilégio para a gente aqui.

J.F. – Porque tem coisa que eu não gosto de contar porque eu não quero envolver outras pessoas.

V.A. – Perfeitamente.

J.F. – Então teve uma pessoa aqui que foi presa e que o coronel que o prendeu disse assim: “Você conhece aquele negro que era orador aí dos comícios do padre Alípio?” Esse padre que eu lhe falei. Ele disse: “Não. Não conheço.” “Você não conhece?” Aí ele pegou uma fotografia que tinha em cima da mesa. Pegou a fotografia e disse: “Você não está aqui com

eles? Como é que você não conhece?” Ele ficou meio embaraçado, ele mandou recolher, levar para o xadrez porque ele já sabia que ele fazia parte do grupo. Ele estava querendo era mentir. Então realmente, uma pessoa que vive em uma cidade como essa, no meu caso, tenho 68 anos, de militância a vida toda: então eu conheço muita gente. Muita gente que ontem era legal e hoje não presta mais. Outros que estão meio lá meio cá. Então a gente conhece o pessoal todo. Então realmente eu não dou muita entrevista. Não quero me meter esse pessoal nessas encenanças que eu já me meti, então deixo isso para lá. Porque aqui tinha uma líder comunista chamada Maria Aragão – tem até um memorial para ela – então depois que ela morreu, tinha uns que eram tanto amigos dela. Eu nem fui lá no dia que inauguraram o memorial. Eu, não. Ela era minha amiga quando ela era viva. Gostava muito dela, discutíamos muito essas questões, porque antes de eu viajar ela esteve na União Soviética, e eu tinha muita preocupação em ver um país desses porque as notícias que eu tinha é que comiam crianças, que os velhos eram fuzilados porque não podiam mais trabalhar...

A.P. – E o senhor era corajoso, porque ouvia essas histórias e queria ir lá ver...

J.F. – Eu digo que não presto mais, mas eu já tive muita coragem. Então eu tinha coragem de ver essa coisa de perto porque matar os velhos, não é? Você tem sua mãe, uma pessoa que você gosta e tudo mais, porque não pode mais trabalhar vão passar e vão fuzilar? Vão comer crianças? Esses absurdos todos que a tecnologia se encarregou de desmanchar. Mas eu tinha vontade de ver. Você já pensou o que era, 1964, a dominação da informação que era um negócio terrível nas mãos dos poderosos, porque eles sabem mexer muito com isso. E se você puder, você procura, tem um livro publicado aí que é *Mistificação das massas através da propaganda*. Era da Civilização Brasileira. Você que mora no Rio, o Rio é uma beleza. Eu perdi meu livro, não consegui mais. O Miguel Arraes junto com o Julião, O Francisco Julião me disse que ele foi quem traduziu do Francês porque naquele momento o Arraes não sabia Francês para traduzir aquilo para o Português. Mas por obra e graça da história dele, eles tiraram o nome dele do livro, deixaram só o Arraes. Porque eu queria ver se conseguia outro livro através dele, mas ele não tinha no momento e eu tinha que viajar. Eu estava na casa do Neiva Moreira conversando com o Julião. Eu já conhecia o Julião das Ligas Camponesas.

V.A. – De 1958, assim...



J.F. – Isso.

V.A. – Mas o senhor chegou a ir à Sapé, à Paraíba, não?

J.F. – Não. Não fui.

V.A. – Como é que o senhor...

J.F. – Julião veio aqui.

V.A. – Ele veio aqui?

J.F. – Ele não nos mandava o jornal? A Liga não chegava aqui e nós não defendíamos essa Liga aqui no Maranhão nos movimentos aqui de camponeses e tudo? Então tinha uma militância, hoje...

[FINAL DA FITA 1 – A]\*

J.F. – Você dizia...

A.P. – É, porque houve um lapso aí. A gente estava dizendo lá no início da entrevista que na década de 1950 o senhor já tinha uma consciência negra, falava sobre isso e o padre Alípio ajudou muito o senhor a pensar sobre essa questão, enfim, aí depois a gente estava em 1963 na UNE. Eu queria saber se nesse espaço, entre a década de 1950 e início da década de 1960, se havia produção de algum jornal, se havia alguma entidade, se se materializava esse movimento negro...

J.F. – Era mais na Igreja. Tinha um jornal, me parece que era *A voz operária*, que até no quartel eu vendi esse jornal. Um dia o capitão Luciano, que era gaúcho, me disse: “Que jornal

---

\* Fita de 90 minutos.

é esse aí rapaz? Me dá esse jornal aqui que eu quero ler.” Eu disse: “Está aqui, agora, tem que comprar capitão, porque eu estou vendendo.” [riso] Estava muito ligado à Igreja.

V.A. – Mas esse jornal discutia a questão do negro?

J.F. – Muito difícil. Eles colocavam mais nesse jornal mesmo as questões do mundo operário.

V.A. – Isso. Até porque, no próprio movimento socialista essa questão do negro, da raça era discutida?

J.F. – Não.

V.A. – Com outros negros da África isso era discutido?

J.F. – Não. Até porque, naquele período, eles tinham outra linha, porque com o socialismo todas essas questões seriam resolvidas. Então não tinha essa preocupação. Com o avanço dos movimentos sociais, aí sim que essas questões ganharam corpo. E com a ida dos negros para a universidade, aí então... os negros sociólogos, os negros advogados, os negros médicos, então a discussão passou para outro nível. Então isso que nós os negros estamos fazendo hoje aqui, é botando mais um pouquinho de adubo nessa semente que vai dar seus frutos, não tenha dúvida. Vai levar mais o quê? 50 anos? Não sei. Mas isso vai mudar. Porque a questão já começa a mudar com mais consciência, mudando as consciências.

A.P. – Durante o seu período de clandestinidade, o senhor ouviu falar de movimento negro no Rio, em São Paulo?

J.F. – Ouvi. Mas não estava muito preocupado porque uma parte considerável desses negros estava, vamos dizer, meio americanizados, não estavam muito comprometidos com a luta que eu estava. Porque para derrubar aquela Ditadura, nós acreditávamos, que se deslocaria força com força. Então era acúmulo de força para que se pudesse...

V.A. – O senhor chegou a participar de ações armadas?

J.F. – Não.

V.A. – Mas estava envolvido nos...

J.F. – Eu estava mais na logística daquelas questões mais de organização. Não estava nessas questões mais desse confronto direto.

V.A. – E o senhor nunca foi pego?

J.F. – Não. Porque ninguém estava muito preocupado com negro, a não ser que eu me metesse naquelas passeatas, aquelas coisas. O pessoal dizia: “Tu sai disso, porque se te pegarem tu está lascado. Porque com o passado que teve, tu não vais conseguir explicar muita coisa. Como é que você está metido nisso?”

V.A. – Então o senhor era mais um apoio estratégico, não é?

J.F. – Buscando os contatos, essas coisas todas, buscando as pessoas, preparando algumas atividades não muito legais, mas que eram necessárias. É isso aí.

V.A. – O senhor ficou em São Paulo, Minas e Rio?

J.F. – Eu andei muito aqui no Norte também. Vim aqui no Maranhão.

V.A. – Para vir aqui era perigoso, não?

J.F. – É. Mas aconteceu um negócio gozado aqui no Maranhão comigo: eu vinha de ônibus e passei em um lugar onde eu fiz algumas atividades de organização dos camponeses, aí um camponês me reconheceu e me disse: “João Francisco, rapaz, o que tu faz aqui?” Eu disse: “Eu estou vindo para cá para o Maranhão, para minha casa, ver minha mãe. Ela está doente. Eu vim para casa.” “Rapaz, tu toma cuidado.” Eu disse: “Não tem mais nada, tudo acabou, não tem mais problemas.” Ele disse: “Bem que eu estou te avisando: tu toma cuidado.” Aí o

ônibus deu a hora de partir, ele ficou porque ele estava em outro ônibus nessa estação, aí eu fui embora. Eu tomei muito cuidado e vim aqui no Maranhão, não fui à minha casa, minha mãe foi onde eu estava me encontrar e tudo. Mas tranquila, sabe como é que é? Nunca me esqueço disso. Eu também me aguentando porque eu não queria que ela me visse chorar. Porque ela não estava chorando também. Muito firme, uma negra fora de série.

V.A. – E o seu pai?

J.F. – Meu pai também foi me ver. E eu fui embora, minha mãe morreu e eu não pude vir. Aí depois eu vim quando ele esteve adoentado. Aí eu vim. Aí ele morreu e eu terminei ficando por aqui.

V.A. – O senhor estava com a mesma carteira de identidade? Como é que o senhor fez? O senhor mudou de nome lá em São Paulo, no Rio?

J.F. – Não.

V.A. – Continuou sendo João Francisco dos Santos?

J.F. – João Francisco. E ninguém me abordava. Até mesmo quando eu cheguei do Uruguai, na hora de passar, que eu mostrei a carteira que eu tinha e ainda tenho, eles me tiraram daquela coisa de fiscalização, porque era uma carteira dada pelo Exército. Porque a minha trajetória no Exército para mim foi realmente muito boa, eu tive bons amigos, fiz ordenanças até de autoridades aqui do Exército. E essa carteira eu guardei. Então, quando eu vim do Uruguai, que o pessoal do Exército estava revistando o pessoal, não me mexeram, me deixaram tranquilamente. Agora é que eu vou ao Rio e vou trocar porque eles estão fuzilando o pessoal do Exército, eu vou ter que tirar uma carteira daqui do Maranhão. É verdade, não é? Até poucos dias aí o rapaz não estava com a namorada e não estava vestido de policial, ele pensou que fosse posto policial, tirou a carteira para se identificar e fuzilaram ele, porque eles não eram policiais, eles eram bandidos. Então você tem que tomar essas providências que a gente chama: medidas de segurança. Medida de segurança é para ser respeitada. Se eu não

tivesse saído da casa desse rapaz que nós hospedamos lá no Rio de Janeiro, que ele pegou umas meninas de São Paulo e levou para lá para fazer reunião...

V.A. – Não sei o que é isso.

J.F. – Eu pensei que tivesse falado disso.

V.A. – Não. Conta.

J.F. – Eu estava conversando com uma pessoa ali embaixo a respeito disso. Ele lá no Rio...

V.A. – Quem é, o Raimundo?

J.F. – Não. Outra pessoa. Na casa que esse Raimundo me levou eu tinha uma amizade muito grande, e tinha uma pessoa que estava com muita dificuldade no Rio e eles me deram para que eu arranjasse aonde ele pudesse ficar com uma certa segurança. Aí eu levei ele para essa casa onde eu ficava. E sem a minha autorização ele trouxe umas meninas de São Paulo, que eram contatos que ele tinha, e levou lá para casa para fazer reunião. Quando eu cheguei lá em casa me disseram: “O rapaz trouxe uma loura que disse que veio de São Paulo e fez uma reunião aí na sala.” Eu disse: “Rapaz, você fez reunião aqui? Você está maluco, cara? Quer dizer, eu te trago para te guardar e tu vai trazer os teus contatos de São Paulo para fazer reunião aqui. Olha, eu vou embora hoje para Belo Horizonte. E tu procura te mudar daqui. Porque a hora que a coisa esquentar lá em São Paulo, tua segurança aqui vai para o bebeléu.” Não deu um mês. Eles prenderam elas lá em São Paulo, meteram no saco de estopa, trouxeram para o Rio de Janeiro, foram lá no aparelho onde estávamos hospedados, ele estava lá, prenderam e levaram ele.

V.A. – E a dona da casa?

J.F. – A dona da casa não tinha nada, porque ela alugava quartos. Não tinha nada a ver. Você dizia assim: “Aqui no jornal eu anunciando que tem vagas aqui para rapazes. Ele vivia aqui porque ele se hospedou aqui. Agora, o que ele fazia... Se saía para trabalhar, eu não tenho

nada com isso.” E era tão verdade, que não teve nada com ela. Eles revistaram a casa dela e não tinha nada. Então é isso. E ele foi preso por causa disso. Então por medida de segurança, tem determinadas coisas que você pode até ter vontade de fazer mas não faz.

V.A. – Bom, aí o senhor voltou para o Maranhão em 1979 com a Anistia?

J.F. – Eu vim antes.

V.A. – Antes da Anistia?

J.F. – Não. Eu vim aqui e fui embora. Passei um tempo aqui e fui embora. Mas voltar mesmo eu voltei depois da Anistia porque nós iríamos preparar a chegada do Neiva aqui. Ele veio para cá com a Anistia, eu fui convidado para fazer o discurso lá na praça Deodoro em nome das forças populares. E fizemos e estamos aí até hoje trabalhando.

V.A. – Aí, depois disso, o senhor não saiu mais de São Luís?

J.F. – Assim, para me filiar, porque veio o PDT e eu entrei no PDT, eu fui para a organização nacional do PDT, sou membro do PDT a nível nacional. Me considero até muito amigo do Brizola. O prefeito de Niterói... O César Maia foi secretário de Fazenda do Brizola, depois aquele outro, o velho que o pessoal apelidou de “Velho Barreiro”, o Marcelo Alencar. Conheci o Marcelo. O Marcelo me chamava até de “meu preto”. Pode ser até que hoje não me conheça mais. Quando você está no poder assim, já viu... Depois eu fui fazer, porque eu fui trabalhar em uma empresa aqui de limpeza pública e fui para o Rio, lá para o morro Santa Marta pesquisar a coleta de lixo alternativa. Eu fiz lá no Santa Marta pela Comlurb. E estou sempre com muito cuidado no Rio de Janeiro.

V.A. – Em 1978, em São Paulo, teve o famoso ato, não sei se o senhor tomou conhecimento, nas escadarias do Teatro Municipal. Aquele ato que deu início depois ao Movimento Negro Unificado, ao MNU.

J.F. – Não estava.

V.A. – Não estava em São Paulo?

J.F. – Não estava. Apesar de que em São Paulo nós temos um quadro lá muito antigo, que é o Candinho, mas eu só me liguei com o Candinho depois no PDT.

V.A. – O Candinho, o senhor sabe o nome dele?

J.F. – Não sei. Mas eu tenho o nome dele direitinho. Tenho cartas, tenho fotos dele. Eu trouxe ele aqui no Maranhão. Nós fizemos aqui, quando eu deixei a secretaria nacional do movimento negro do PDT, primeiro regime no congresso lá [incompreensível] fazendo campanha para nível nacional, quando eu deixei a direção nacional do movimento negro, eu trouxe o pessoal para um congresso aqui no Maranhão.

V.A. – Então o senhor entrou no MNU?

J.F. – Não.

V.A. – Então a direção nacional?

J.F. – Do PDT. Partido Democrático Trabalhista. O MNU tem outra nascente, tem outras pessoas, outras direções. Agora, o nosso era a direção nacional do movimento negro do PDT. E trouxemos o pessoal para cá e fizemos um congresso aqui. E aqui eu passei a direção para a menina que foi eleita aqui, a Edialeda, que é uma médica que morava lá em Botafogo e foi secretária do Brizola. Ela assumiu a direção do movimento negro a nível nacional e está lá até hoje. Como o Garotinho rompeu com o PDT, ele rachou as organizações lá no Rio de Janeiro, tem pouquinho, mas está funcionando.

A.P. – Então a sua atuação enquanto movimento negro foi basicamente no PDT, depois da fundação do PDT?

J.F. – Sim.

A.P. – O senhor conheceu o Abdias?

J.F. – Isso. Eu trouxe o Abdias aqui. Nós fomos várias vezes à Serra da Barriga. Tem o Jorge, que veio fazer doutorado, escreveu parte da tese dele aqui, está aí, o José Jorge Siqueira. Ele que escreveu a apresentação dessa cartilha.

A.P. – Professor da UNB?

J.F. – Não.

V.A. – Professor de História da Ufma.

J.F. – Ele ensinou aqui.

V.A. – *Hinos, Canto minha terra, minha pátria*. A gente pode ficar?

J.F. – Pode. Só tem um compromisso: se não sabe os hinos, tem que aprender. [risos]

V.A. – Mas aí o senhor entrou aqui também no CCN.

J.F. – Eu ajudei a criar o CCN.

V.A. – Pois é. Conta para a gente. Porque o senhor chega aqui em 1979, lá no Rio e em São Paulo já começa a haver movimento, mas aqui em 1979 é criado o CCN. Em setembro, não foi?

J.F. – Exato.

V.A. – Como é que foi isso?

J.F. – Olha, a gente...



V.A. – O senhor chegou aqui e restabeleceu os seus contatos?

J.F. – Isso.

V.A. – Porque a Anistia foi em agosto.

J.F. – Aí começamos a tocar a vida. Tocar a vida e já repercutia bem aqui o movimento negro em outros lugares. A gente viaja muito. A Mundinha viaja muito, o Luizão, que é um médico também viaja, a televisão mostra o que estão fazendo os negros em outros cantos... Então tudo isso contribui para que a gente visse que era necessário criar uma entidade aqui no Maranhão. Aí criamos.

V.A. – E como é que foi essa criação?

J.F. – Olha, no começo foi meio tímida porque a Ditadura deixou ainda raízes terríveis aí, mas criamos e depois chegamos a pensar em um bloco, criamos o bloco Akomabu. Depois criei o jornal, porque entre o bloco, entre um ano e outro, a questão política mais abrangente, era necessário um jornal. Porque além de ser organizador de massa, ele é um politizador de massa. Em lugares onde você não pode ir o jornal vai e faz o trabalho dele de esclarecimento e de organização. Aí criamos o jornal. Mas aí a incompreensão era muito grande porque tinha uns companheiros aí que achavam que todo mundo tinha que seguir determinado partido. Botou muita coisa a perder, mas...

V.A. – Que todo mundo do Centro de Cultura Negra tinha que ser de um determinado partido, é isso?

J.F. – É, porque começou essa questão, que eu até não gostaria muito de me ater muito a isso, mas foi um negócio que aborreceu bastante, porque até mesmo lá... isso eu contei na televisão, porque quando a briga esquentou aí...

V.A. – Deu até televisão?

J.F. – Deu. Eu fui para a televisão. Se eu tinha acesso à televisão eu ia deixar de contar essa história na televisão?

V.A. – Então o senhor pode contar para a gente, já até contou em uma televisão.

J.F. – O que aconteceu é que até reunião do partido eles fizeram lá na sede.

V.A. – Qual partido?

J.F. – PT.

A.P. – Um minutinho só. É que acabou a fita de vídeo.

V.A. – Acabou? Nem ouvi.

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A. – ...O que aconteceu, porque dentro do CCN estavam fazendo reuniões do PT. E aí?

J.F. – Exato. E eles não tinham o controle do jornal. Porque o jornal era da minha associação, a Associação Cultural Akomabu.

V.A. – O senhor então é da Associação Cultural Akomabu?

J.F. – Isso. E eu não deixava que eles mudassem a linha do jornal. Então isso causou logo um aborrecimento grande porque o jornal não era do CCN, o jornal era independente, e nós não podíamos botar esse jornal a serviço de partido. Não podia. A serviço de partido, não. Eu vou lhe dar um número do jornal. Então você vai ver que o jornal não teve, durante todo o período que funcionou, um só ato de desrespeito ou de discriminação ao CCN. Nunca. Porque nós queríamos somar, nós não queríamos dividir. Então não tinha. Agora, o que eu não podia deixar, era que eles partidarizassem um jornal que não era deles. Aí deu aborrecimento,

fizeram uma porção de fofocas, a menina, Lúcia Dutra que, no período, era a presidente, teve a infelicidade de fazer uma série de coisas lá que eu não concordei, aí fez uma nota para outros estados dizendo que nós tínhamos roubado o nome Akomabu, esse negócio todo. Aí isso me aborreceu, mas apesar de ter uma equipe de advogados me dizendo: “Rapaz!” eles não entendiam que eu não podia fazer o que eles queriam, que era levar a menina para a Justiça, criar um problema com uma negra do movimento. Eu não podia fazer isso. Então, alguns deles ficaram até mal comigo, o jornal, você vai ver, vou te dar um número. Aí me chamaram para a televisão: eu fui. E na televisão você não pode... aqui até que eu posso, alguma que eu não queira te contar, está só entre nós aqui, eu posso até não querer te contar. Mas lá na televisão, com a cidade toda assistindo o programa, dizer uma coisa que eles sabem que eu sei e eu não quero dizer? Eu disse: “A questão é essa, essa e essa...” Aí pronto. Aí que eles ficaram danados comigo. Eu disse: “Vocês convidam eles para vir a um debate aqui na televisão que eu venho. Se vocês convidarem e eles toparem, eu venho para contar essas histórias.” Mas não foram e a questão acabou por aí. Hoje eles já falam comigo e tal. Só que lá eu nunca mais fui.

V.A. – No CCN?

J.F. – Nunca mais.

V.A. – Quando foi isso?

J.F. – Isso já tem mais de 10 anos. Me dou com todos eles, as atividades que eles fazem fora de lá do CCN, eu vou, tem uma pessoa que é muito minha amiga, que é o Aroucha, eu recomendo ao Aroucha que vá e participe. Agora, eu? Nunca mais fui lá.

V.A. – Mas a questão é porque eles queriam tomar conta do jornal?

J.F. – Olha, é uma das coisas que eu penso. Pode até ser que não seja isso. Mas eu não me incomodo com essas coisas. Eu aprendi muito cedo, uma pessoa me disse, veio me dizer: “Eu não sou dinheiro, que todo mundo gosta.” Você conhece uma pessoa que não gosta de dinheiro? Quem é?

A.P. – É difícil.

J.F. – Eu acho que você, nesse agreste, não encontra ninguém. Então eu não sou dinheiro que todo mundo gosta, então, eles podem não gostar de mim que eu não estou nem aí. Se eu fosse dinheiro: ah, beleza! Principalmente dólar, que agora está na moda.

V.A. – Mas a questão que era o conflito, era exatamente essa que o senhor achava?

J.F. – Eu acredito que sim. Porque em um documento que ela escreveu e que me deram em Maceió, levantaram essa questão do nome do Akomabu. Ela achava que o nome “Akomabu” era propriedade do CCN. Quando não era. Até a pessoa que a primeira vez falou esse nome aqui, quem levou ele para a conferência fomos nós...

V.A. – Como é que o senhor sabia desse nome?

J.F. – Não. Só depois...

V.A. – O que significa Akomabu?

J.F. – A cultura não deve morrer. E eu tenho no jornal a pessoa que nós entrevistamos, que disse essa palavra e tal, nós achamos que era bonita, que nós botamos o nome no bloco...

V.A. – Quem era a pessoa?

J.F. – Agora eu não me recordo. Era um negro africano. Eu tenho a foto dele no jornal e tudo. Então essa é uma estória...

V.A. – Isso é em que língua?

J.F. – Ioruba. E o tempo passou, essas questões já foram superadas, todo mundo fala comigo e tal. Só que eu nunca mais tive vontade de ir lá e nunca mais fui. Está lá o CCN passando por algumas dificuldades, mas é isso mesmo.

V.A. – Agora, me diz uma coisa: o senhor disse que aqui trabalhou também, antes de ir para a Rússia e tudo, para a União Soviética, trabalhou aqui nas Ligas Camponesas. O senhor também articulava as Ligas Camponesas aqui no Maranhão?

J.F. – Sim. Foi isso que gerou os sindicatos. Agora eu estou lembrando que foi para uma menina lá embaixo que eu contei. Porque as Ligas eram a resistência, e nós fazíamos alguma coisa aqui para resistir, para denunciar as arbitrariedades no campo, entende? Então era Liga que era o nosso jornal.

V.A. – Porque a gente leu sobre o CCN, que ele surgiu muito ligado às reivindicações das chamadas “terras de preto”. Qual é a diferença entre esse movimento das “terras de preto” e as Ligas Camponesas, para senhor que participou dos dois?

J.F. – Ah, as Ligas Camponesas era um movimento muito mais político do que as “terras de preto”. Para você ter uma ideia, eu não conheço assim, não sei não, que algum desse pessoal das “terras de preto”, que também já é em um outro momento, que tenham sofrido as perseguições que sofriam o pessoal que nos ajudava na criação dos sindicatos rurais. A Igreja era contra. Só tinha um padre que defendia.

V.A. – As Ligas?

J.F. – As Ligas. Aqui no Maranhão? A Igreja era contra.

V.A. – Mas o padre Alípio...

J.F. – Não era. Era o único que não era contra. Agora tem um padre de esquerda aqui, naquela época não tinha. A Igreja era contra, o juiz era contra, o promotor era contra, o delegado era contra: com quem nós podíamos contar senão com as nossas próprias forças? E

hoje você vê, o sujeito vai fazer reunião em comunidades de negros, tudo isso em uma tranquilidade muito boa. Toca tambor, dança, come churrasco, entendeu? Naquele momento era muito diferente. Hoje os sindicatos rurais estão aí funcionando, o país não desabou por causa disso, não se tornou um país comunista e está aí a vida: tranquila, tranquila... Eu tenho visto tanta gente recebendo dinheiro do fundo rural, esse troço todo aí, que nem sabe que isso aconteceu um dia.

Em Perapema, que o Luizão lá embaixo disse: “Fala para ela de Perapema.” Eu disse: “Esquece isso rapaz.”

V.A. – Então fala.

J.F. – Aqui, a organização, naquele momento fez um roteiro, e que dizia no roteiro: “Tal dia...” Aí dizia o nome do lugar, “tal dia em tal lugar; tal dia em tal lugar...” Isso a polícia pegou. Então preparou um banho de sangue no nosso pessoal em um lugar chamado Perapema.

V.A. – Quando foi isso?

J.F. – Ah, isso foi em...

A.P. – Antes da Rússia?

J.F. – Antes. Em 1962 se não me falha a memória, no final de 62. Mandaram para lá um tenente de passado duvidoso. E eles estavam reunidos, e os camponeses se reúnem e levam filhos, levam as mulheres. Eles invadiram lá a casa e deram lá no pessoal, mataram alguns, e aí o pessoal se revoltou, a cidade se revoltou e mataram o tenente e um cabo da polícia. Isso foi um assombro. Eu estava em uma casa e ouvia o chefe de polícia da época dizer que se a Justiça não fizesse justiça ele ia abrir os portões dos quartéis para os praças fazerem justiça. Isso foi um momento terrível. Aí tiveram que ser... alguns já morreram, como é o caso do Renato Archer, que era deputado federal, mas o Neiva Moreira está vivo, o Cid Carvalho está vivo. Era o governo João Goulart e eles tiveram condições de atuar lá em cima com ministros, vieram uns deputados aqui no Maranhão e seguraram a onda do chefe de polícia.

Mas nós tivemos essa... Para você ter uma ideia, uma pessoa que coordenava essa luta nesse município teve que passar por dentro do mato uma temporada, para poder se livrar do cerco que eles estabeleceram na cidade. Era isso. Mais alguma coisa?

V.A. – Claro! [risos]

J.F. – Tenho que fugir lá para baixo.

V.A. – O senhor está com pressa, então vamos tentar aqui... Eu queria saber um pouco mais da fundação do CCN, que o senhor disse que participou. E o senhor participou também dessa luta pelo reconhecimento das terras de preto?

J.F. – Sim. Mas isso já se dava mais agora nesses últimos 10 anos e eu já não estava, apesar de que eu fui a Frechal porque eu conhecia muito aquela área. Era uma área conturbada, era uma área de violência, o fazendeiro mandou matar algumas pessoas. Nesse período do CCN não trabalhava muito nessa questão.

V.A. – Mas o senhor foi a Frechal?

J.F. – Fui porque eu estava metido mesmo, era fogueteiro e fui a Frechal. Porque essa violência no campo é muito séria aqui no Maranhão. Muito séria. Você vê, hoje ainda tem grupos que trabalham aí em fazendas como escravos, porque não pagam. Isso agora, você avalia 10, 20 anos atrás o que não era isso aqui. Não era fácil. Deus nos livre.

A.P. – Eu fiquei assim... O senhor falou o nome de alguns políticos importantes, enfim. E o Abdias do Nascimento, já que o senhor participou da secretaria contra a discriminação racial do PDT, ele teve uma influência na sua formação?

J.F. – Não tenha dúvida. Eu viajei muito com o Abdias. O Abdias é meu amigo. Eu não vou ao Rio sem ir encontrar com ele. Conseguimos aqui o título de cidadão de São Luís para ele, ele não veio porque está adoentado e não deu para vir aqui. Mas os livros dele, uma parte considerável, eu tenho. Quando ele assumiu a secretaria lá no Governo Brizola, eu estava lá e

levei os meus amigos no Rio de Janeiro para assistir à posse dele. Tenho livros aqui onde estão ele e o Brizola assinando a nomeação para a secretaria. E trouxe muito material do Rio para cá, distribuí para o pessoal. Eu tenho pelo Rio de Janeiro uma simpatia muito grande, porque eu vivi muito tempo ali também, não é? São João de Meriti, Belford Roxo, esse troço todo eu andei, aquela estória toda...

V.A. – O senhor casou?

J.F. – Casei já há uns 20 anos atrás. Mas só legalizei está com uns dois meses. Porque a gente fica adiando, adiando, e já tem um filho de 20 anos e uma filha de 18. Então legalizo porque a gente é mortal, pode ter qualquer coisa e vai ficar esses problemas aí. Tem razão: casa logo, pronto.

V.A. – O senhor casou já depois que voltou para o Maranhão?

J.F. – Agora, não tem um mês.

V.A. – Não, eu digo: o senhor se juntou há 20 anos atrás?

J.F. – Ah, sim. Porque era aquela história, só quando eu voltei da Europa que eu tive filhos, porque você ficar fazendo filhos aí para deixar nessa irresponsabilidade, o que é isso? Encher uma mulher de filhos e não ter condições de tratar...

V.A. – E quando o senhor voltou para cá, o senhor passou a trabalhar em quê?

J.F. – Quando eu voltei foi uma parada para arranjar emprego. Porque as pessoas gostam muito de ti, você é um cara muito legal e tudo mais, mas para te dar trabalho: “Esse cara está queimado...” E o que aconteceu? Eu fui trabalhar com um homem de esquerda aqui no Maranhão em uma empresa de propaganda e turismo que ele tinha e daí...

V.A. – Qual era a empresa, o senhor pode dizer?



J.F. – Pró-propaganda e Turismo que era o Amorim Parga. Um cara que era um jornalista do Sul do país. Ele tem até uma filha aí nos movimentos. Então não foi fácil voltar e conseguir trabalho aqui em uma cidade dessa. Agora...

V.A. – E aí que o senhor foi fazer o curso técnico, depois que o senhor voltou, depois de 1979?

J.F. – Isso. Depois que eu voltei. E tive alguns problemas porque a gente adquire um certo conhecimento, e aqui e ali você fica meio saliente. Eu tinha um professor que tudo era Lisboa: “Coimbra, porque Coimbra...” Eu disse para Raimundo, que hoje é advogado: “Um dia que eu estiver invocado aqui, eu vou desmanchar com esse negócio de Coimbra.”

V.A. – Eu não entendi. O senhor estava nesse curso de Administração e Contabilidade...

J.F. – É, nesse curso. Tinha um professor que ensinava Português nesse curso. E ele era apaixonado por Coimbra. Tudo dele era a Universidade de Coimbra. E eu disse para Raimundo, que era meu vizinho na cadeira: “Um dia que eu estiver invocado eu acabo com essa história de Coimbra aqui.”

V.A. – É o mesmo Raimundo Francisco Ribeiro?

J.F. – Não. Esse é Raimundo Everton. É um advogado amigo meu que tem uma empresa aí de sucos. Aí um dia ele soltou essa de novo, e eu disse: “É hoje.” “Professor, com licença.” Ele disse: “Pois não.” “Como é que o senhor explica, que sendo a universidade um fator de desenvolvimento, e o senhor fala dessa Universidade de Lisboa, que é esse espetáculo de universidade, como é que o senhor explica que Portugal é o país mais miserável da Europa?” Aí ele sapateou e eu dei um pau nele porque eu tinha passado em Portugal. Aí ele acabou com essa história de Coimbra. Que eu podia ter deixado essa questão passar, mas de vez em quando a gente fica saliente, aí solta isso...

V.A. – Mas tem que ser.

J.F. – Portugal? Outro dia que entrou no Mercado Comum Europeu, estava lá aquela porcaria... Vai ficar com saliência...

V.A. – Agora, o senhor voltando para cá em 1979 com a Anistia, foi exatamente o ano em que acabaram os partidos Arena e o MDB e foram criados os novos partidos. O senhor se filiou ao PDT por quê? O senhor tinha relações aqui com pessoas do PDT?

J.F. – Tinha.

V.A. – Qual foi a sua...

J.F. – Tinha o Jackson Lago. Tem aqui nessa homenagem. Eu digo o seguinte: “Esta cartilha é uma contribuição ao entendimento do patriotismo brasileiro e uma homenagem ao prefeito de São Luís, doutor Jackson Lago, pela forma patriótica como tem tratado a Educação e a Saúde pública em sua administração, e ao escritor doutor Abdias do Nascimento que tem dedicado sua vida na defesa do povo negro.” E póstuma a João do Vale porque eu viajei junto com ele aqui no Maranhão, era meu amigo.

V.A. – Essa cartilha é sua, de sua autoria, o senhor que escreveu?

J.F. – É. Eu juntei, você não tem muito trabalho. Você pega uma coisa que já está pronta, que eram os hinos, você juntou esses hinos e fez uma cartilha. Porque todo mundo fala: “Ninguém sabe os hinos...” Porque ninguém está interessado em massificar os hinos para o povo poder cantar. Você a beleza que é este Hino da Independência? A beleza que é o Hino Nacional? A beleza que é o Hino daqui do Maranhão?

V.A. – Bom, mas o senhor ia explicar por que o senhor optou pelo PDT.

J.F. – Optei pelo PDT...

V.A. – Porque tinham vários partidos sendo criados.

J.F. – Já estavam no PDT o Jackson...

V.A. – O senhor já conhecia ele?

J.F. – Conhecia o Jackson aqui do Maranhão. Jackson esteve lá no Rio de Janeiro naquele célebre comício lá de...

A.P. – 1984?

J.F. – Sim.

V.A. – Das Diretas?

J.F. – Não. Esse das Diretas foi outro dia.

V.A. – Foi depois.

J.F. – Mas aquele comício que queimou o João Goulart.

A.P. – Da Central.

J.F. – Da Central. Foi quando ele estava lá. Ele trabalhava no Rio de Janeiro. Então eu já conhecia Jackson, já conhecia o Neiva Moreira, já conhecia o Reginaldo Teles, que foi quem foi me procurar para ir para o PDT e tal. E o Neiva Moreira que me levou para a Direção Nacional do PDT, entende? Ele me apresentou ao Brizola, porque o pessoal com quem eu vim da Europa, com quem eu estava na Europa, não gostava do Brizola. E eu tentei falar com o Brizola e disseram: “Larga o Brizola para lá...” Aí eu não fui falar com o Brizola. Mas com o Neiva Moreira que é daqui da minha cidade, aí se montou... procuramos o Brizola lá no Uruguai... o Brizola não, o Neiva Moreira, e eu fui conversar com o Neiva Moreira. Eu disse para ele: “Eu estou tentando voltar para o Maranhão.” Ele disse: “Não vai, não. Não vai lá porque o negócio está sério.” Aí eu voltei para o Rio e tinha um amigo meu que morava lá em Niterói, faleceu no ano passado, que era o Henrique, muito bom o Henrique, um quadro legal.

E tinha um pessoal que queria que eu ficasse em São Paulo. Mas aí eu terminei vindo para o Rio mesmo, sei lá, tinha muita gente do Maranhão...

V.A. – Então essa conversa que o senhor teve com o Neiva no Uruguai, foi isso?

J.F. – Sim.

V.A. – Foi na época que o senhor estava ainda na clandestinidade?

J.F. – Estava.

V.A. – Com o Brizola também?

J.F. – Com o Brizola eu não falei, porque o pessoal com quem eu estava não gostava do Brizola e não queria me levar para falar com ele. E aí você está em um grupo e você tem que obedecer as diretrizes do grupo. Aí não fui.

A.P. – Mas depois o senhor conheceu o Brizola.

J.F. – Conheci o Brizola. Eu já conhecia o Brizola antes de 1964. Não tinha era me dado com ele, porque lá no sindicato dos... Quando o Brizola veio para o Rio para ser candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro, eu já estava andando no Rio há muito tempo, quando ele teve aquela votação louca. O sindicato, parece que era dos marinheiros, ali em Niterói, perto de uma fábrica. Eu já passei lá, mas não sei se o sindicato existe mais ali.

V.A. – O senhor tinha uma filiação partidária antes de 1964?

J.F. – Não, mas eu me dava muito bem com o pessoal do Partido Comunista.

V.A. – Porque o Brizola era do PTB.

J.F. – Ele já não gostava dos comunistas, como os comunistas não gostavam dele. Acho que por isso que tinha muito comunista naquele grupo que falavam: “Eu não vou falar com o Brizola.” Depois me dei bem com ele, ele foi governo. Tinha vários negros no governo dele, o que não acontece em outros governos do PDT pelo Brasil afora.

V.A. – Agora eu estou preocupada com a questão do negro mesmo, porque a nossa entrevista, eu estou vendo que a sua trajetória é muito marcada, é uma trajetória política em que a questão da raça não aparece muito.

J.F. – Mas não aparece muito em função de quê? Aqui nós temos ajudado bastante o movimento negro no Maranhão, tenho participado, temos o bloco aqui e nós temos ajudado, tenho participado, agora, o que eu não tenho estado muito é dentro do CCN. Mas do movimento negro na cidade eu tenho. Em Alcântara, com o movimento de resistência agora com o pessoal da base...

V.A. – Dos quilombos lá?

J.F. – Sim. Das terras.

V.A. – Então explica um pouquinho para a gente.

J.F. – Aquilo ali saltou aos olhos do Brasil porque aquela torre virou cinzas, digamos assim. Mas antes ninguém estava ligando para isso. Como é que um sujeito pega uma cidade daquela, mete milhões de dinheiro naquela torre e o povo fica na miséria encostado naquilo ali, não é possível, não é? Eu não quero dizer que tenha sido a mão de Deus que virou aquilo do avesso, porque um dia vai se saber de fato o que foi que aconteceu para aquilo virar ferro-velho. É possível isso? Como é que um estado como o Maranhão, que até poucos anos estava com um certo desenvolvimento, o Maranhão desaba e fica aí como um dos estados mais miseráveis da federação? Então nós não queremos estar no movimento negro só para fazer bloco, dançar e essas coisas. Não é isso não. O movimento negro tem que ser também um movimento político por mudanças. Não é um movimento pelo movimento, mas um

movimento pelas mudanças sociais. E isso até um certo tempo não acontecia muito. Cada um tem seu jeito de fazer as coisas.

V.A. – Mas esse movimento lá em Alcântara como foi? O senhor participou?

J.F. – Tenho participado, mas para você ter uma ideia, desse movimento de Alcântara, aqui tem uma senhora depois que você pode encontrar com ela que é a Mundinha. Foi quem deu esse maior passo para lá. E um deputado do PT, Dutra. Mas esse resto de deputados que tem aqui, não vale nada. Pouquíssimos são capazes de dar um passo em uma direção dessas. Porque eles acham que isso não vai dar votos, coisa de negro: “Que vai fazer ali? Essas pessoas nem votam, vou me meter nisso?” Entendeu? Agora, depois que essa torre virou ferro-velho, que aí nem que as pessoas não queiram olhar para Alcântara, ela foi vista no mundo todo, é difícil hoje não falar da miséria que rondava aquela torre de tanto dinheiro. Eu fui lá com o Jackson antes disso. O Jackson era candidato e uma pessoa de lá da base estava com ele e convidou ele, ele me convidou e nós fomos. Até almoçamos lá.

V.A. – E o senhor viu a miséria que era?

J.F. – Eu já conhecia Alcântara há muito tempo. Eu trabalhei com a missão canadense aqui, então olha: Guimarães, Cururupu, Peri-Mirim, Pinheiro e Santa Helena, eram todos da missão canadense. E os padres que trabalhavam nessas cidades eram todos canadenses. Eu viajei esses municípios todos porque eu fazia compras para eles aqui em São Luís, era uma espécie de empregado deles aqui. Então eu conheço Maranhão quase todo.

V.A. – Quando foi isso?

J.F. – Isso em 1962. Conheço essa cidade aqui como pouca gente, de viajar mesmo, conhecer as pessoas, suas dificuldades, tudo isso. Eu andei o Maranhão que não foi brincadeira. Você vê, eu trouxe de Portugal um livro sobre criação de patos. Aqui nós temos uma região no Maranhão, que os patos quando estão pequenininhos, eles criam em casa e dão aquela farinha molhada, aquele bagaço de coco, aquele negócio todo, aí eles começam a descer para o rio. No rio eles comem uma fava que eles chamam de folha do campo, que dá assim como aquele

feijão grande do rio, cor de chumbo assim, mais ou menos daquele tamanho. Os patos comem muito aquilo aí ficam muito gordos. E quando eu voltei eu criei pato aqui. Eu tinha um sítio ali e criei pato, criei porco de raça, tudo. Agora tudo acabou.

V.A. – Por que acabou?

J.F. – Porque a dominação política para que você pudesse vender essas coisas. Quem mais tinha recursos era o governo. E o governo não ia fazer porque não gostava de mim. Então... eu também não gostava deles. Você vai pedir as coisas para as pessoas que você não gosta? Não vai. Deixa eles seguirem o caminho deles.

V.A. – O senhor dedica esse livro aqui ao João do Vale. O senhor disse que viajou bastante com ele. O senhor pode contar um pouquinho sobre João?

J.F. – João quando completou 50 anos, ele morava lá em Nova Iguaçu, eu estava na festa dele lá em Nova Iguaçu. Porque ele era uma pessoa assim muito voltada para o seu povo, para a sua gente, apesar de ser assim um compositor reconhecido, mas ele não dava muita bola para essas coisas. Era um sujeito muito simples e eu gostava muito dele. Viajei muito com ele aqui no Maranhão, em campanhas, estivemos em Arari, andamos bastantes. E lá na festa dele eu estava lá em Nova Iguaçu. Aí tem até uma música dele.

V.A. – Aqui nessa sua cartilha?

J.F. – É.

V.A. – Qual que é?

J.F. – [cantando] “Todo mundo canta a sua terra / eu também vou cantar a minha.”

A.P. – Minha Terra.

V.A. – Como é que é?

J.F. – [cantando] “Todo mundo canta a sua terra / eu também vou cantar a minha / Modéstia a parte seu moço / Minha terra é uma belezinha / Praia do Olho D’água, Lençóis de Araçaji / Praias bonitas assim eu juro que nunca vi” [riso]

V.A. – Está ótimo. Tem alguma coisa?

J.F. – Eu não tenho voz para estar cantando.

A.P. – O senhor quer falar mais alguma coisa?

J.F. – Não. Eu espero que essa experiência que eu vivi, que o pessoal está vendo aí, que vale a pena viver. Vale a pena viver. Apesar das incompreensões, dos descasos e dos vexames, mas a gente vai passando por cima disso. Porque eu tenho certeza que melhores dias virão. Certeza absoluta disso. Então isso nos anima e nos dá força para continuar e tal. Porque já foi pior para tanta gente do passado, não é? Minha mãe, meu pai, minhas tias, minha avó, tantos outros negros que ainda estão aí embaixo de uma miséria terrível, não é? Nós aqui somos até privilegiados. Então como tal, temos que lutar para que os outros possam ter boas condições de vida. “Ah, causa aborrecimento para mim?” Pode causar. Eles defendem os interesses deles e nós defendemos os nossos, que acho que são os mais justos. Mais justos.

V.A. – E os seus filhos fazem o quê?

J.F. – Eu tenho duas filhas já casadas, elas não têm assim militância política. Mas tem o Lucas e a Anastácia. A Anastácia tem 18 anos. Amanhã ela deve estar lá com a gente.

V.A. – Quer dizer que o senhor tem quatro filhos? São duas casadas, o Lucas e a Anastácia? As duas casadas não foram desse casamento?

J.F. – Não.

V.A. – Foi de antes do senhor...



J.F. – Antes da Sílvia. E estamos aí na luta.

V.A. – Estão todos no Maranhão, os filhos?

J.F. – Agora, o Lucas, vamos ver se ele quer sair do país aí, para fazer alguns cursos fora e tal, ver que o mundo não é só isso aqui, não é? Eu acho que a televisão tem ajudado. Liga a televisão aí e vê o que está acontecendo na Europa, no Canadá, nos Estados Unidos, na França... Agora mesmo o rapaz da Venezuela conseguiu dar um banho de democracia naquela gente. Acharam que ele ia ter medo de todas aquelas coisas. “Você querem o quê? Eu não quero plebiscito. Vocês querem, então vamos fazer.” Ganhou. Agora estão dizendo que não é válido. “Mas vocês não queriam?” Eles acharam que ele não ia fazer. Tentaram, tentaram e resolveram fazer. Fez. Aí foram para eleição. “Tem que ter eleição?” “Tem.” “Ah, não vai fazer.” Fez e ganhou. E agora? E agora com esse petróleo que está aí na crista da onda e tudo ele pegou mais um dinheiro... Eu passei na Venezuela dois dias, mas faz muito tempo.

V.A. – O senhor conheceu que países?

J.F. – Aqui em cima eu só não fui na Argentina...

[FINAL DO DEPOIMENTO]